E-ZINE: UMA INSTÂNCIA DA VOZ DOS E-XCLUÍDOS

Aurea Zavam

À medida que uma tendência particular de mudança discursiva se estabelece e se torna solidificada em uma nova convenção emergente, o que é percebido pelos intérpretes, num primeiro momento, como textos estilisticamente contraditórios perde o efeito de "colcha de retalhos", passando a ser considerado "inteiro".
(FAIRCLOUGH, 2001, p.128)

E-ntrada

Em nossas relações sociais cotidianas, temos sempre algo a dizer. Esse algo a dizer assume configurações textuais reconhecidas pela comunidade da qual fazemos parte ou na qual nos inserimos por meio desse dizer. Essas configurações textuais, esses arquétipos, digamos assim, são os chamados gêneros textuais. Os gêneros textuais, práticas discursivas instituídas, como sabemos, adquirem certa estabilidade justamente por se reproduzirem e se repetirem continuamente na sociedade. Mas essa reprodução não implica necessariamente repetição fiel, isto é, transposição integral do formato sempre da mesma forma. Desse modo, os gêneros vão sendo modificados, recriados, transmutados.

Uma das causas desse processo de (trans)mutação deve-se ao fato de a sociedade também estar sujeita à mudança. Assim, muitos gêneros já estabelecidos vão incorporando mudanças, outros vão surgindo, à medida que a sociedade vai também se transformando, vai vivendo um novo tempo, uma nova era.

Esse novo tempo que estamos vivendo é marcado por um novo espaço de interação humana: a internet. E diante de um novo espaço, é natural que conhecidas e familiares configurações textuais passem por reformulações, adaptações a essa nova ordem, a esse novo espaço, e, paralelamente a essas novas roupagens, é natural também que aflorem novas formas de dizer. Pomo-nos, assim, em interação virtual mediados pelos gêneros eletrônicos, ou digitais. Uns, simples migrações para o ambiente virtual; alguns, adaptados, recriados ou transmutados; e ainda outros, surgidos para atender as novas necessidades que se interpõem nessa outra forma de construção de sentidos.

Nesse novo cenário em que figuram novas formas e formas remodeladas de dizer, muitos atores sociais que, na antiga ordem, não encontravam meios de ocuparem o proscênio ou que dele eram afastados, descobrem e se apossam de brechas para fazer ouvir a sua voz, a voz dos exilados das instâncias de dizer socialmente estabelecidas e reconhecidas, tanto por aqueles que nelas têm assento assegurado e preservado quanto por aqueles que com esses estabelecem trocas sociais. É nesse contexto, favorecido pela internet, que vemos entrar em cena alguns gêneros marcadamente marginais. É o caso, por exemplo, do e-zine, o (fan)zine eletrônico.

Neste artigo, pretendemos, então, discutir o aspecto marginal de uma prática discursiva que vem se firmando no espaço cibernético – o e-zine –, voltando nosso olhar para alguns de seus aspectos constitutivos – a cenografia e o ethos. Para tanto, iniciaremos com algumas considerações sobre o espaço virtual e a emergência dos gêneros digitais, levantaremos algumas características do fenômeno e-zine e, em seguida, por meio de análise, ressaltaremos as condições que lhe conferem marginalidade. Concluímos nosso trabalho, discutindo as implicações pedagógicas deste estudo, bem como sugerindo a adoção do e-zine, essa forma de

expressão já largamente empregada pelos jovens, como conteúdo de ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa de nossa educação básica.

1 E-gêneros: a formação de novas tradições discursivas

As novas formas de comunicação possibilitadas pela internet geram inexoravelmente novas relações sociais, novos padrões de relacionamento com o outro e com o mundo. É na busca por essa conexão com o outro, com o mundo, que as pessoas adentram o espaço da internet, o ciberespaço[1].

Segundo Pierre Lévy (on-line), o ciberespaço, terreno cibernético onde a humanidade hoje funciona, assegura a informatização da esfera da comunicação e da informação, pois é nesse espaço, mediado pela rede de computadores, que as mensagens se tornam interativas, ganham plasticidade e têm possibilidade de transformação imediata. E a partir do momento em que, na busca pelo outro, acessa esse espaço, cada pessoa pode romper com a estrutura clássica de um centro gerador de emissão e tornar-se, ela própria, uma emissora em potencial, ainda que virtual. As novas práticas discursivas modelam, assim, a face da sociedade moderna no ciberespaço e são por ela modeladas.

Essas atuais práticas de relacionamento social eletrônico – como e-mails, blogs, chats, fóruns de discussão, e-zines, jornalismo on-line, entre outras possibilidades –, assim como a as transformações éticas e culturais – das quais o cyberpunk é um exemplo – associadas à nova configuração da comunicação midiática na sociedade contemporânea – a chamada liberação do pólo de emissão – geram a cibercultura, "a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais" (LEMOS, 2003, p.12). É essa cultura que gesta centros comuns de interesse, aproxima (ou afasta) os emissores, estabelece uma certa autonomia em relação ao que é dito e a forma que esse dito pode assumir. Como bem lembra Lévy (1999, p.15):

> A nova universalidade não depende mais da auto-suficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente.

A formação de espaços virtuais – a virtualização – engendra uma cultura virtual, nômade, em que os sujeitos da interação podem ocupar distintos espaços sincronicamente, sem que necessariamente estejam fisicamente em qualquer um deles; qualquer indivíduo tem, pelo menos potencialmente, a possibilidade de interagir com qualquer outro virtualmente. A cultura virtual dá, assim, forma a uma nova realidade social (LÉVY, 1996).

Nesse sentido, as novas relações sociais eletrônicas favorecem, longe dos meios institucionalmente construídos para esse fim, a organização de pessoas e grupos por afinidades, a discussão de seus problemas, a solicitação e o acesso a informações.

É justamente a figura-ícone da cultura virtual, o computador, que possibilita a busca por uma conexão social, seja por meio de e-mails, blogs, fóruns ou e-zines. É, portanto, nele que são produzidos os textos, os gêneros digitais, cuja maior característica é a acentuada interatividade. Embora esses gêneros, na maioria das vezes, lancem mão de outras linguagens, como a imagética e a sonora, é na linguagem escrita que repousa outra de suas características, domínio, pois, da lingüística de textos.

Em estreita relação com seus correlatos já existentes em outros ambientes, muitos desses gêneros, reconfigurados, apresentam características particulares, próprias da mediação

[1] O termo ciberespaço foi empregado pela primeira vez por William Gibson, em sua novela de ficção científica *Neuromancer*, publicada em 1984.

pela tecnologia computacional (MARCUSCHI, 2004). Partindo desse pressuposto, não há como negar que o e-mail revolucionou a troca de correspondências pessoais e até comerciais (PAIVA, 2004), que o chat transformou a conversação ao realizar-se sem oralidade e sem a presença física dos interlocutores (ARAÚJO, 2004), e o blog permitiu a publicização de depoimentos pessoais antes circunscritos a espaços reservados (KOMESU, 2004). Como vemos, vários têm sido os estudos lingüísticos que se voltam para a compreensão do fenômeno gênero digital.

Ainda que estudado em diversas áreas da Lingüística, o gênero não tem se mostrado conceito fácil de se definir, assim como seus limites de constituição. A fluida fronteira entre o que é gênero e o que é suporte, por exemplo, serve para atestar essa lacuna teórica. Sensíveis a essa "ausência de limites naturais" (MARCUSCHI, 2003, p.9) entre uma e outra categoria de análise, em pesquisa sobre o fanzine[2], optamos por tomá-lo como dispositivo enunciativo (ZAVAM, 2006).

Fizemos essa opção pelo fato de defendermos que o conceito de dispositivo enunciativo é capaz de contemplar todos os aspectos envolvidos na enunciação, como o ethos, o código de linguagem, a paratopia, entre outros, além do gênero propriamente dito. Nesse estudo a que nos referimos, não nos ativemos ao aspecto da historicidade, ao fato de um gênero se constituir e ir se firmando paralelamente à história da língua, posto que direcionamos nossa análise para as categorias mencionadas.

Como para esta investigação interessa-nos abordar, além da cenografia e do ethos, a questão da estabilização de um gênero pela conseqüente repetição no processo de sua constituição e, portanto, de sua história, vamos trabalhar nesta nossa análise do e-zine com o conceito de tradição discursiva, proposto por Kabatek (2003), porque estamos considerando essa forma de interação como uma prática da escrita eletrônica ancorada em seu similar do meio impresso: o fanzine, por nós estudado.

Para Kabatek, tradições discursivas dizem respeito ao fato de um usuário de uma língua, diante de uma finalidade comunicativa, produzir seu discurso em conformidade com formatos já existentes na sociedade, isto é, modelando-se por "tradições contidas no acervo da memória cultural de sua comunidade, nas maneiras tradicionais de dizer ou de escrever" (2003, p.3), ou como o autor mesmo diz mais adiante, reproduzindo-se suas próprias palavras, "hablar no es sólo decir algo a alguien sobre las cosas de acuerdo com las reglas de uma lengua (su sistema y norma), sino que suele ser, además, según uma determinada tradición textual de hacerlo" (p.4).

Não podemos deixar de reconhecer que esse caráter dialógico da linguagem, também se encontra ressaltado em Bakhtin (2000). O lingüista russo chama atenção para o fato de nenhum texto (gênero) surgir de um espaço vazio, mas sim de um diálogo com outros já constituídos, quando afirma que "o enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados" (p.316).

Por entendermos o e-zine como a transmutação do fanzine para o ambiente digital, queremos investigá-lo como uma tradição discursiva, considerando seu processo de estabilização em curso. Kabatek, como já dissemos, vê o surgimento (ou adoção) de uma tradição discursiva a partir de formas textuais já existentes na língua, num constante diálogo

[2] Fanzine (***fan****atic* + *maga****zine***) são publicações impressas, fora das estruturas comerciais de produção cultural, feitas por pessoas interessadas na divulgação ou na (re)produção de histórias em quadrinhos, poemas, contos, ficção científica, informações sobre bandas independentes, experimentações gráficas, entre outras expressões artísticas.

entre o que se diz e o que já foi dito, posto que "o que funciona como tradição discursiva é um intertexto no sentido estrito de um texto que se repete" (2003, p.5).

Dito dessa forma, poderíamos então tomar o e-zine como um gênero do discurso, pois Bakhtin (2000), por sua vez, também já ressaltara essa característica: "o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos anteriores que o determinam (2000, p.320). Assim o e-zine poderia ser entendido como um e-gênero. No entanto pretendemos focalizar o aspecto do seu surgimento e sua estabilização no contexto histórico em que vivemos, o da interação mediada pela mídia eletrônica, que favorece o surgimento de e-gêneros, o surgimento de novas tradições discursivas. E ainda por queremos evitar a discussão segundo a qual o e-zine seria gênero ou suporte. Se o tomássemos como dispositivo enunciativo, como fizemos com o fanzine, resolveríamos essa questão, contudo não estaríamos, como pretendemos, acentuando a historicidade na constituição dessa tradição discursiva, em recente processo de estabelecimento.

2 E-zine: a entrada em cena da periferia digital

E-zine, webzine, cyberzine, zine eletrônico, zine virtual, revista eletrônica, e-magazine, muitos são os nomes pelos quais costumamos identificar essa prática discursiva. Na verdade, todos esses rótulos acabam remetendo a um só evento comunicativo: o ato de veicular, através da internet, produções artísticas ou divulgar informações sobre elas fora das legitimadas instâncias comerciais de produção cultural. São, portanto, edições eletrônicas, que abordam todo tipo de assunto, especialmente os que se referem a histórias em quadrinhos, experimentações gráficas, bandas musicais independentes, conto, poesia, ficção científica, entre outros. Resulta da expansão e migração do (fan)zine para o ambiente virtual.

Embora em muitos contextos o e-zine seja tomado como sinônimo de revista eletrônica, queremos deixar claro que trabalhamos com a distinção entre esses dois termos, assim como Magalhães (1993) estabelece uma diferenciação entre fanzine e revista alternativa.

O e-zine, para nós, é um veículo da imprensa independente, elaborado e produzido por amadores, por pessoas que se reúnem em torno de gostos, interesses e causas comuns, e marcado por esse caráter de produção alternativa. O e-zineiro seria uma espécie de artífice digital, no sentido de que ele mesmo confecciona seu produto, que apresenta um similar na produção impressa (uma forma textual já existente na língua, para nos reportarmos à teoria kabatequiana). Nesse sentido, vemos o e-zine como uma tradição discursiva em processo, sobretudo se voltarmos nosso olhar para seus primeiros exemplares, de poucos anos atrás, que, a exemplo, do fanzine, eram marcados pelo caráter experimental O que começou com um caráter experimental, inovador, vem assumindo uma constitucionalidade, vem assumindo e reafirmando seu lugar na comunidade discursiva em que circula. O que antes parecia caótico, desordenado, ou nas palavras de Fairclough (2001, p.128), "uma colcha de retalhos", recobre contornos bem definidos, fronteiras nítidas de um todo integrado, o "inteiro", segundo o mesmo autor, ainda que sua forma de organização e sua estética não sejam a da ordem estabelecida e, portanto, as esperadas.

Já a revista eletrônica é dirigida a um público mais disperso que não necessariamente comunga os mesmos gostos, os mesmos interesses e as mesmas causas. Nelas, a feição de crítica e reflexão é bem menos acentuada, quando não desprezada, posto que o que é priorizado é a informação em si. A revista eletrônica é elaborada e produzida quase sempre por profissionais de instâncias instituídas e muitas delas são versões eletrônicas das formas impressas, como é o caso da *Veja on-line*, por exemplo.

Por outro lado, não podemos deixar de ressaltar que o fato de passar da forma impressa para a digital não é um fenômeno restrito às revistas, pois enquanto há zines que, surgidos no

ambiente virtual, só contam com a versão eletrônica; há outros que circulam tanto no meio impresso quanto no digital, como é o caso de *As flores mortas do palhaço*, fanzine distribuído nas ruas de Salvador-BA, com versão digital disponibilizada no site http://floresmortas.cjb.net, como vemos a seguir.

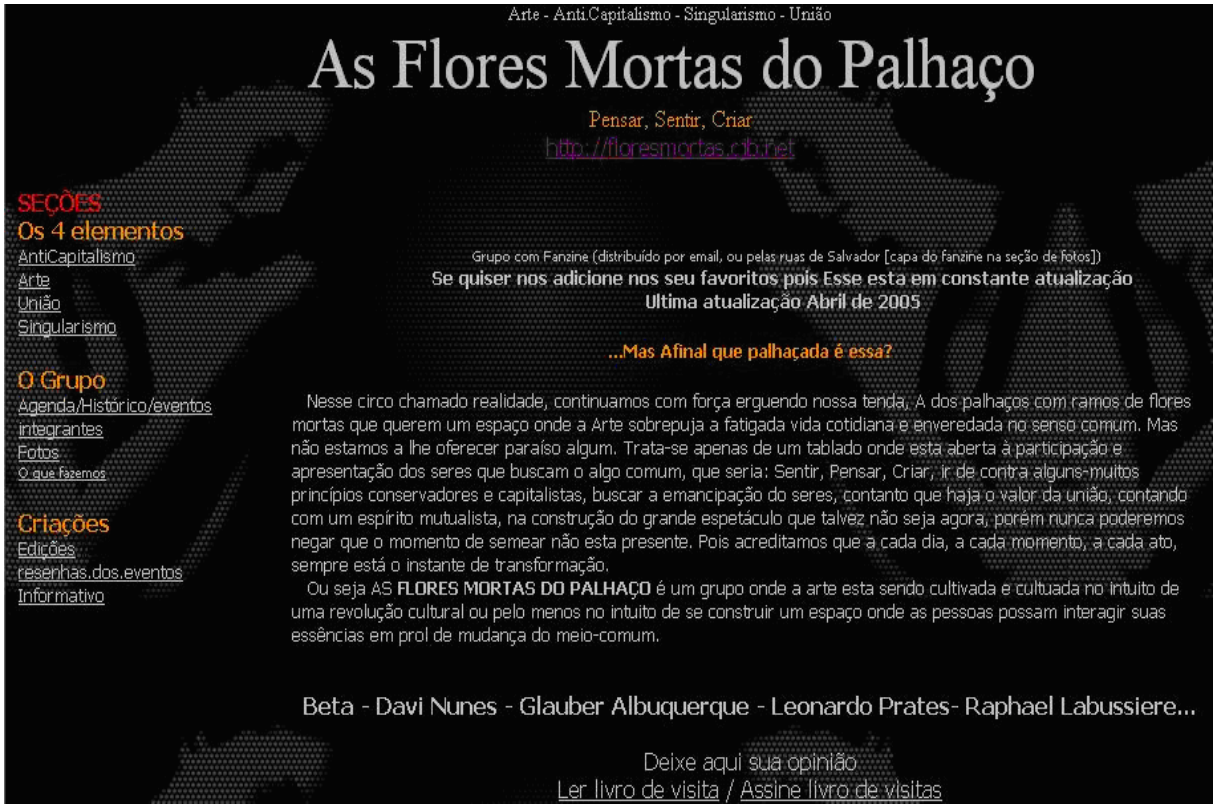


Figura 1 – Homepage do e-zine *As flores mortas do palhaço*
Disponível em: <http://floresmortas.cjb.net>. Acesso em: 04 de ago.2006

Os e-zineiros, assim como os fanzineiros, ao investirem em um novo meio de difusão, estão, na verdade, contribuindo para a desestabilização das formas e meios instituídos, os quais têm lugar de certa forma reservado, numa sociedade que preserva os valores daquilo que considera aceitável; estão, ainda, reivindicando reconhecimento, mesmo que fora dos padrões convencionais. Com esse posicionamento discursivo, esses novos atores sociais estão modificando as relações de poder; e, em última instância, subvertendo, e por que não?, a ordem n(d)o discurso (ZAVAM, 2006).

Em cada época de sua história, os discursos são marcados por contingências históricas, políticas, sociais. A que nos toca viver é, portanto, marcada pelas relações eletrônicas, isto é, relações mediadas pelos recursos da tecnologia digital, marcada pela cultura cibernética de que fala Lemos (2003). Estar no espaço virtual significa existir, ser reconhecido na e pela sociedade, nem que seja somente a digital. Estar on-line significa ter assegurado o seu espaço identitário, ainda que off line essa mesma identidade seja denegada.

No e-zine emergem vozes antes reprimidas pelos meios de comunicação detentores de um centro emissor, isto é, pela emissão centralizadora dos *mass media*. Com a liberação do pólo da emissão possibilitada pela internet, as comunidades marginalizadas se mostram, se exibem, se expõem. E se congregam. São tribos que se exprimem sobre os mais diversos assuntos sob variados formatos, no caso um específico que estamos analisando: o e-zine.

O e-zine não vem substituir o fanzine. Ele surge e se configura no contexto das novas relações mediadas pelo computador. Constitui, portanto, uma prática se transformando em tradição, reconhecida por características discursivas que estão presentes e se repetem de uma outra tradição já há mais tempo fundada: o fanzine. Por sua vez, no e-zine, assim como no fanzine, encontramos outros gêneros (outras tradições discursivas) fortemente arraigados na esfera jornalística: o editorial, a entrevista, a resenha, entre outros (ainda que em alguns e-zines recebam outra nomenclatura). Essas tradições discursivas consolidadas dentro de um outro formato mais amplo (para alguns (BONINI, 2003), um hipergênero, um suporte de gênero que se compõe ao mesmo tempo de outros gêneros, como o jornal, a revista, o *site*) permitem o enquadre genérico por parte daqueles que fazem uso dessa tradição. Assim, pela repetição, pelas sucessivas atualizações por outros usuários, o e-zine, enquanto tradição discursiva, vai se firmando como uma possibilidade de movimentação cultural bem específica, geralmente desconhecida, desprezada ou subestimada pela sociedade em geral.

Seria o underground vindo à tona, não fosse o meio pelo qual emerge, posto que a internet, ao disponibilizar seus conteúdos para o mundo inteiro, de certa forma, tira dos grotões qualquer movimento cultural que nela enuncie. No entanto se considerarmos underground os segmentos sociais que vivem à margem das estruturas convencionais, e não aqueles que se encontram escondidos, filiados a movimentos secretos, podemos, sim, falar em emersão dos "porões", uma vez que alcançam projeção. As tribos que habitam o universo e-zine não se contrapõem à cultura cibernética, uma vez que dela tomam parte. As tribos que habitam o universo e-zine se afirmam autonomamente e ganham, livres de censura, visibilidade, ainda que restrita aos seus simpatizantes. Mas estão lá, na rede mundial, para todos que ela acessarem descortinarem os desvãos da cidade.

Embora se diga que "a rede é tudo e tudo está em rede", ou "a rede está em todos os lugares" (LEMOS, 2003), convém lembrar que

> Aqueles que têm acesso garantido aos espaços discursivos da mídia tradicional (jornais, revistas, rádio e televisão) são os mesmos que têm acesso à mídia digital. Da mesma forma, os que tradicionalmente são excluídos, continuarão de fora. Afinal, as instituições que estão por trás dos suportes se mantêm as mesmas. (MELO, 2004, p. 137)

Cristina Melo admite a exclusão digital, uma vez que não existe mídia, qualquer que seja, totalmente democrática e universal. Portanto, para "tudo", ou pelo menos para boa parte desse tudo "estar na rede", é necessário que algumas brechas sejam preenchidas. É nesse sentido que o e-zine garante a entrada em cena. Trata-se de ocupação de nichos cibernéticos pela periferia da sociedade, que, dessa forma, faz ruir o controle exercido, durante séculos, pelos meios sócio-historicamente instituídos e assim poder ter a face mostrada pelo mundo afora, ainda que sua face, sua palavra, segundo Foucault (1999), enquanto exilado, excluído, seja, de certo modo, interditada, rarefeita.

2.1 E-ncenação

Como todo e qualquer evento enunciativo, o e-zine tem seus protagonistas em interação mediada pela linguagem. São, pois, o enunciador (e-zineiro), o co-enunciador (público-leitor) e a ancoragem espaço-temporal (e-zine) que respondem pela cena de enunciação.

Para Maingueneau (2001a), à cena de enunciação correspondem três cenas[3]: a englobante, ligada ao tipo de discurso – político, religioso, publicitário, filosófico, literário, entre outros; a genérica, ligada ao gênero do discurso propriamente dito – panfleto, anúncio

[3] A noção de cena vincula-se à representação que um discurso faz de sua própria situação de enunciação (CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique, 2004, p.95).

publicitário, folder, debate etc.; e a cenografia, instituída no momento em que o discurso se constrói. Assim, é a cena englobante que nos guia na interpretação de um texto, uma vez que, para interpretá-lo, necessariamente o situamos em um tipo de discurso por nós reconhecido; por sua vez é através da cena genérica que identificamos, por exemplo, os papéis atribuídos aos interlocutores, o suporte material, o modo de circulação e a finalidade de um texto; e por último é à cenografia que cabe instaurar a identidade que o enunciador e o lugar de onde ele enuncia assumem no texto, sendo "*ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra*" (p.87, grifos do autor).

A cenografia, a cena de encenação, não é dada pelo tipo ou pelo gênero do discurso; ela coloca a cena englobante (o tipo de discurso) e a cena genérica (o gênero do discurso) em segundo plano, para, então, enredar seu co-enunciador e fazê-lo aceitar, colaborar com o que está sendo dito e até legitimá-lo.

A cenografia no e-zine, de um modo geral, é a de um mundo idílico onde os amantes das artes ou das outras expressões artísticas mais marginais vão encontrar seu espaço e promover a sonhada revolução. A revolução que os levará a um mundo sem conflitos, um mundo onde possam ser aceitos e reconhecidos, onde possam finalmente todos juntos viver em prol dos ideais, gostos, interesses que defendem. A cenografia é, portanto, a de um mundo particular, à margem do socialmente constituído, como podemos perceber, a seguir, no texto da homepage (página principal) do acima citado e-zine *As flores mortas do palhaço.*

> Nesse circo chamado realidade, continuamos com força erguendo nossa tenda, A dos palhaços com ramos de flores mortas que querem um espaço onde a Arte sobrepuja a fatigada vida cotidiana e enveredada no senso comum. Mas não estamos a lhe oferecer paraíso algum. Trata-se apenas de um tablado onde esta aberta à participação e apresentação dos seres que buscam o algo comum, que seria: Sentir, Pensar, Criar, ir de contra alguns-muitos princípios conservadores e capitalistas, buscar a emancipação do seres, contanto que haja o valor da união, contando com um espírito mutualista, na construção do grande espetáculo que talvez não seja agora, porém nunca poderemos negar que o momento de semear não esta presente. Pois acreditamos que a cada dia, a cada momento, a cada ato, sempre está o instante de transformação.
>
> Ou seja AS **FLORES MORTAS DO PALHAÇO** é um grupo onde a arte esta sendo cultivada e cultuada no intuito de uma revolução cultural ou pelo menos no intuito de se construir um espaço onde as pessoas possam interagir suas essências em prol de mudança do meio-comum.

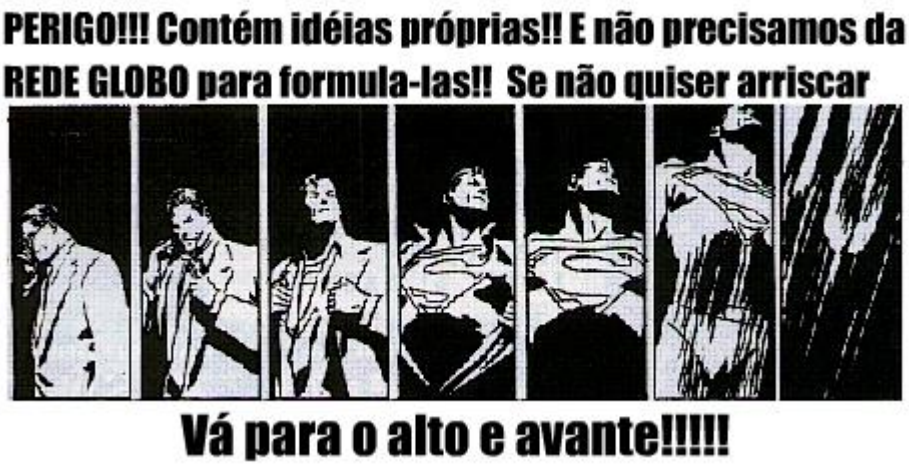
Com esse discurso de apresentação, o enunciador capta o imaginário do seu co-enunciador e ao mesmo tempo atribui-lhe e reforça-lhe uma identidade: a dos que lutam por um mundo justo, fraterno e solidário. Assim assegura um espaço onde as pessoas que comungam desse ideal possam se encontrar, possam compartilhar experiências, longe e independentemente dos mecanismos de controle e sujeição que sobrepujam o sempre resistente pensamento libertário.

Ainda que negue a cenografia de um mundo idílico, como aparentemente somos levamos a acreditar quando afirma que "não estamos a lhe oferecer paraíso algum", o enunciador paradoxalmente acena com a possibilidade de um "tablado" onde os princípios conservadores seriam derrubados ("ir de contra alguns-muitos princípios conservadores e capitalistas") e os seres emancipados ("buscar a emancipação dos seres").

Os e-zines estabelecem uma nova cenografia. Caminham na direção oposta a das revistas eletrônicas de um modo geral que se ancoram numa cenografia de certo modo referendada, a que se instaura em revistas impressas, em revistas de grande circulação, e que, portanto, obedecem às rotinas da cena genérica. Tais revistas remetem a uma cena de certa forma validada na sociedade contemporânea: o profissional bem-sucedido busca uma revista conceituada para obter informações confiáveis. Há, na manutenção dessa encenação, o reforço do pressuposto de que "manter-se bem informado é condição para manter-se bem-sucedido".

E o manter-se bem informado só é possível se o veículo portador das informações pertencer aos grandes centros emissores do discurso. Subliminarmente essa cena alimenta a idéia de que a seriedade, a confiabilidade e a inteligência só podem ser encontradas nesses veículos institucionalizados, os chamados "formadores de opinião".

Desconstruindo essa cena, e investindo na sua particular (sujeitos libertários, à frente do seu tempo, não seguem padrões estabelecidos) o e-zine *H-zine* se propõe mostrar que pode haver "vida inteligente" fora das estruturas comerciais fornecedoras de informação, como podemos constatar a seguir:



AQUI ABUSAMOS DO SHOCKWAVE, ENTÃO

MAIS UMA PRODUÇÃO

CÃES DE ALUGUEL

Figura 2 – Página de abertura do *H-zine*
Disponível em: <http://members.tripod.com/~hzine/hzine.htm>. Acesso em:11 de ago. 2006

Devemos observar ainda que o enunciador do *H-Zine* cutuca o imaginário de seu co-enunciador ao trazer à cena um herói que liberta os fracos e oprimidos: o SuperMan. Como faz da parte de nossa memória coletiva, Clark Kent é um pacato jornalista, repórter de um grande jornal (portanto, um reconhecido pólo centralizador de emissão da informação), que trabalha durante o dia e à noite atua como um obstinado ser hercúleo, que luta bravamente contra o crime. Ao evocar esse mito, o enunciador sugere metaforicamente que seu co-enunciador desperte o destemido ser que traz reprimido consigo e faça parte da legião daqueles que lutam contra a ordem instituída ('ter idéias próprias").

O e-zine busca, nesse sentido, uma identidade com a voz que fala, com a imagem que o co-enunciador tem de quem enuncia (corajoso como ele), ou dito de outra forma, uma identidade com a entidade que está indissociavelmente presa à cenografia, o ethos do enunciador. Considerando a cenografia, não deixamos, pois, de reconhecer a manifestação do ethos.

2.2 E-thos

O ethos, termo emprestado da Retórica Antiga, diz respeito à imagem que o enunciador constrói de si no discurso para conseguir a adesão do co-enunciador àquilo que está enunciando. Assim, nas interações verbais haveria sempre a manifestação de um ethos, uma vez que o "texto está sempre relacionado a alguém, uma origem enunciativa, uma voz que atesta o que é dito" (MAINGUENEAU, 2001b, p.139). Nesse sentido, o ethos é parte constitutiva do texto assim como todos os outros elementos que entram na produção e circulação de um texto. É, pois, a maneira de ser associada à maneira de dizer.

É o ethos que confere ao enunciador, encarnado, o caráter – conjunto de traços psicológicos (autoritário, preconceituoso, cortês etc.) – e a corporalidade – conjunto de traços físicos e indumentários (atlético, negro, esbelto, elegante etc.), que atuam sobre o co-enunciador. É o ethos que dá o tom ao discurso e é esse tom que assegura autoridade ao que é dito. O co-enunciador, então, reconhecendo essa autoridade, incorpora o ethos do enunciador, aceitando o que é dito e conseqüentemente aderindo ao discurso proferido. É nesse sentido que a cenografia se torna indissociável do ethos.

No texto já referido do e-zine *As folhas mortas do palhaço*, a cenografia evocada, como dissemos, é a de um mundo idílico, onde as pessoas questionam os valores considerados indignos e valorizam a essência do ser humano. Em perfeita consonância com essa cena, está a figura de um ethos sonhador, idealista e revolucionário. Os visitantes do site (os leitores) que se identificam com esse ethos em ação, com essa encenação, experimentam o sentimento de tomar parte, de participar do mundo imaginário dos "seres emancipados".

A identificação que o enunciador busca com seu co-enunciador está ancorada na materialidade lingüística, em todo o conjunto que faz e perfaz o contexto da enunciação. O leitor encontra e reconhece as estratégias discursivas que o fazem aderir ao discurso. Tais estratégias captam o imaginário do leitor e funcionam como uma espécie de chamamento para a causa defendida: "um espaço onde as pessoas possam interagir suas essências em prol de mudança do meio-comum".

Como vemos, o conteúdo do enunciado está intimamente ligado à cena de enunciação que o sustenta. E a cena de enunciação do e-zine é a promovida por um ethos jovem, contestador, revolucionário, livre das amarras sociais, que se ancora em um discurso que traduz esse perfil, tanto na palavra em si quanto na forma de apresentação desse discurso. Como bem lembra Maingueneau (2001a), a organização dos conteúdos está intimamente ligada à legitimação da cena de fala.

A organização do e-zine, isto é, a forma de apresentação de seu discurso, reflete o ethos do seu enunciador. O texto é concebido e formatado para atender o estilo esperado pelo co-enunciador. Texto, imagem, som (quando há) convergem assim para a identificação entre enunciador e co-enunciador, que compartilham, no mesmo espaço cibernético, um mundo particular, uma espécie de refúgio, onde se encontram os aficionados pela expressão artística que defendem e divulgam.

O e-zine referido a seguir – *Grito Alternativo* – tem como proposta publicar, semanalmente, agendas e resenhas de shows, cds, notícias e entrevistas mensais com bandas do meio underground e independente.

Ainda que se apóie numa representação própria das atividades de rotina da esfera jornalística – jornalistas (membros da sociedade com seus lugares marcados na estrutura social) se dirigem a seu público, para passar informação, como numa revista de grande circulação, tanto a cena englobante (informação jornalística) quanto a genérica (revista informativa) são deslocadas para uma cenografia que se abre e se confirma em cada hipertexto acessado: o espaço da irmandade dos amantes e militantes do hardcore, libertos das pressões sociais, dos olhares críticos e judicantes da sociedade.

Figura 3 – Página principal do e-zine *Grito Alternativo*
(Disponível em: <http://www.gritoalternativo.com>. Acesso em: 10 ago. 2006)

De início reconhecemos o arcabouço estrutural de uma revista eletrônica com seus gêneros prototipicamente encaixados: sumário, agenda, entrevista, resenha, entre outros (cada um desses com uma cenografia própria). Mas logo percebemos que a rotina enunciativa é encaminhada de forma particular. Não encontramos aqui o ethos habitualmente associado a revistas eletrônicas institucionais, o de um jornalista profissional (e por isso logo de início merecedor de confiabilidade e autoridade), que faz uso da língua culta e tem domínio sobre o gênero em que escreve, mas sim o de um jovem, inovador, que não se prende a comportamentos socialmente valorizados e por isso recusa reproduzir padrões. Ele busca a sustentação de sua identidade singular (distinta daqueles que se permitem ser massificados e assim repetem comportamentos previsivelmente estereotipados). Não, definitivamente, o enunciador de um e-zine não vai reproduzir padrões, por isso se rebela e grita! Ele se nega a ser aquilo que todos esperam dele; ele acredita ser único!, assim como todos que com sua cenografia se identificam.

Podemos constatar nossa afirmação analisando trechos de alguns gêneros (seções) do e-zine *Grito Alternativo*. No texto introdutório de uma entrevista (uma espécie de lead), verificamos o estilo despojado, sem censura, com que o enunciador se dirige ao leitor.

(01)

Amigos que juntaram para "tocar o bom e velho crossover/thrash", só isso bastou para formar esta grande banda fodida que é o Bandanos. Conheça mais sobre eles nesta entrevista respondida pelo vocalista Cristiano.

Esse ethos jovem, rebelde, dissidente, se manifesta também por meio do código de linguagem[4] empregado ("grande banda fodida") e confirma assim sua inserção e aceitação pela comunidade a que se dirige e da qual faz parte. A linguagem empregada confere autoridade ao entrevistador: não é, pois, um entrevistador "careta", mas um que tem a cara do grupo que representa.

No trecho seguinte, observamos que o que sintoniza o ethos do enunciador, além do código de linguagem, é também a forma não convencional com que abre e desenvolve o gênero resenha.

(02)

DURO DE MATAR - Zug Bar - Sorocaba/SP - 30/07/2006 - La Cliqua, Desckarrego, Nervo, X4, Vulgar e T-D4

O tempo frio e a chuva começavam a desanimar o dia que prometia. Mas a promessa foi cumprida, com certeza um dos maiores e melhores show beneficente da cidade. E também um dia histórico pra Sorocaba por ter sido um evento somente com bandas de hardcore, exceto **X4** tradicional rap sorocabano , convidado especial.

Quem abre a tarde de porradas no ouvido é a recém nascida **La Cliqua**,(...) Foi um show muito bom para nos (...)E Pra fechar a noite e fazer todo mundo ir embora dormir feliz, **T-D4**, na noite de estréia do seu cd demo com levadas mais punks e com mesma agressividade fechou a noite com chave de ouro.

Realmente um festival para entrar na historia 300 pessoas 150 litros de leite e 80 kilos de alimento doados para a casa do menor de sorocaba. Realmente uma coisa muito gratificante para as bandas organizadoras e publico que se diverte e ainda faz uma obra social.

O início é de um relato pessoal. O enunciador afasta-se do ethos distanciado de um avaliador, comum a esse gênero, para assumir um ethos de uma pessoa descontraída, insubordinada, com identidade própria, singular. A cena genérica é abalada e serve a um propósito: estabelecer um vínculo identitário com seu leitor.

No trecho a seguir, retirado da seção "Matérias", é o leitor (co-enunciador) que manifesta identidade com o ethos do *Grito Alternativo* e sentimento de pertença à

[4] Maingueneau (2001b) denomina código de linguagem à variedade lingüística eleita na negociação que o enunciador estabelece com o código que lhe é próprio e adequado ao seu propósito.

comunidade hardcore, ao nicho social por ela assegurado.

(03)

Estava penssando no fato de que todos nos seres humanos independentes de sexo, cor e religião, necessitamos de um abrigo ideológico, ou um refugio para nossa personalidade, pois hoje em dia se você não possui tal ''ideologia de vida'' você é simplismente excomungado por pessoas que dizem possuir uma ideologia e segui-lá (...)Será que até quando nós seremos julgados por nossas aparência ao invés de nossas idéias e pensamentos, pois ter uma ideologia, definitivamente não é mostrada nas suas roupas e sim no seu carácter.

Na seção “Lançamentos”, um outro co-enunciador (participante da comunidade) lança mão de recursos próprios do ambiente digital (linguagem pictórica, escrita fonética) na construção do seu texto, revelando, além de familiaridade com esse tipo de interação que se estabelece mediada pela internet, compartilhamento com os gostos e interesses daquela comunidade.

(04)

• **4/8/2006** postado por **Carol**

Vinte - MP3 em Destaque no Buraco Punk!

(:

Aowww!!!

A música "Mamãe Quero Ser Emo" - do cd "Lembranças de São Miguel D´Oeste" do Vinte! - é MP3 em destaque no site Buraco Punk !!!

Confira!!!

(:

Um outro aspecto que contribui para o reconhecimento do ethos contestador, rebelde, revolucionário é a própria autodenominação. Os nomes com os quais os diversos grupos nomeiam a si e a seus sites revelam a condição anárquica, a identidade com os setores excluídos, denunciando nesse processo de auto-nomeação a sua condição marginal, como podemos constar nos exemplos a seguir:

1. Alternative Zine (www.zine.rg3.net)
2. Areia Hostil (www.areiahostil.com.br)
3. Banheiro Feminino (www.feminino.com.br)
4. Catacumba (www.metalattack. com.br)
5. Condutores da Revolta (www.condutores.hpg.ig.com.br)
6. Diário do Submundo (http://diariodosubmundo.vilabol.uol.com.br)
7. Garganta da serpente (www.garganta da serpente.com)
8. O Bastardo (www.obastardo.hpg.com.br)
9. Paradoxo Rebelde (www.metalpesado.com.br)
10. Penumbra Zine (www.evilwar.com.br)
11. ProtesArte (http://gpahp.vilabol.uol.com.br)
12. Nova Desordem Zine (www.novozine.cbj.net)

Como podemos constatar “enunciar não é somente expressar idéias, é também tentar construir e legitimar o quadro da enunciação” (MAINGUENEAU, 2001a, p.93). Os co-enunciadores se identificam com o ethos do e-zine e encarnam o espírito rebelde, marginal e inovador por meio da própria enunciação. Como afirma Maingueneau (2001b, p.139), o ethos está “vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde ao seu discurso”. E assim o e-zine mantém e ao mesmo tempo inova, reconfigura uma tradição discursiva. E esse aspecto

inovador vai passando de e-zine para e-zine, numa constante ciranda de circulação e manutenção de uma emergente tradição discursiva que vem se fixando no ambiente digital.

E-pílogo

Neste artigo, nos propusemos tratar do e-zine, como uma forma de expressão dentro do espaço virtual. Foi nossa intenção evitar tratá-lo como gênero ou como suporte, posto que essas categorias de análise, como bem reconhece a própria literatura em Análise de Gêneros, não apresentam limites precisos. E também porque não constituía objetivo nosso investir na categorização, mas antes de tudo acentuar os aspectos discursivos, pragmáticos, que vêm compondo e ajudando a manter essa que se firma como uma tradição discursiva (um modo de dizer que se repete, no sentido de reiterar outras que a antecedem) dentro do quadro de possibilidades de interação mediadas pela internet. Desse modo, conduzimos nossa exposição teórica e nossa análise com o intuito de mostrar que o e-zine, ainda que por muitos desconhecido, é um modo de dizer (uma tradição discursiva, e, portanto, reconhecida pelos que dela fazem uso), que apresenta marcas lingüístico-discursivas que denotam e reafirmam seu aspecto marginal, como a cenografia e o ethos, por exemplo.

Alcançado esse objetivo maior, nos voltamos agora para um de ordem menos teórica e mais prática: a sua inserção no âmbito escolar, posto que, como vimos, o e-zine atrai para sua órbita pessoas jovens (ainda que em alguns casos não o sejam na idade).

É sabido que os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, sugerem que não deixe de ser contemplada pelo professor a diversidade de gêneros (nesse contexto aqui incluímos o e-zine), como forma de possibilitar ao aluno a convivência não só com gêneros mais ligados ao universo literário, mas também com aqueles da vida cotidiana, para assim poder desenvolver a habilidade de leitura e a competência discursiva necessárias a uma ampliação de sua capacidade como leitor e produtor de textos, diante das mais distintas solicitações enunciativas.

Atentos a essa sugestão dos PCN e possivelmente às contribuições da Lingüística, vários livros didáticos já incluem em seu conteúdo atividades voltadas ao trabalho com receitas, bulas, panfletos, entre outros. Aliados a esses gêneros *on paper***,** há outros gêneros *on-line*, como e-mail, blog, chat, entre outros, que também estão sendo trabalhados nos livros didáticos e conseqüentemente nas escolas.

Nossa contribuição aqui é no sentido sugerir a inclusão do e-zine, assim como outros gêneros (suportes, dispositivos enunciativos ou tradições discursivas, não importa como os concebamos) marginais – que se colocam à margem do processo de produção cultural institucionalmente constituído e valorizado – nas práticas de ensino da escola. Como vimos, o e-zine é um modo de dizer com o qual os jovens se identificam e é na escola que estão (ou deveriam estar) os jovens. É preciso, pois, que algumas iniciativas isoladas de trabalho com esses modos de dizer, à primeira vista desordenados e caóticos, alcancem o estatuto de prática legitimada e buscada pela comunidade escolar. É uma forma de trabalhar com a geração e a compreensão de informações em recursos multimodais, tão típicos da sociedade, digital, em que vivemos. E, de quebra, o trabalho com o e-zine na escola estaria contribuindo para uma luta maior da educação: a verdadeira apropriação social das NTIC – as novas tecnologias de informação e comunicação, que, para muitos, ainda não passou de ficção.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio C. R. de. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.91-109.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão.3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BONINI, Adair. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. **D.E.L.T.A.**, v.19, n.1, p.65-89, 2003.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa**. Brasília, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

KABATEK, Johannes. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico**. Texto inédito apresentado ao Seminario de Historia de la Lengua Española: nuevas perspectivas. Soria, Espanha, 7-11 jul. 2003. Disponível em:<www.kabatek.de/discurso>. Acesso em: 23 set. 2004.

KOMESU, Fabiana C. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 110-119.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: _____; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.11-23.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A emergência do cyberespace e as mutações culturais**. Palestra realizada no Festival Usina de Arte e Cultura, promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em outubro de 1994. Tradução de Suely Rolnik. Revisão da tradução escrita por João Batista Francisco e Carmem Oliveira. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/direitosglobais/paradigmas/pierrelevy/emerg.html>. Acesso em 12 ago. 2006.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine?**. São Paulo: Brasiliense, 1993 (Coleção Primeiros Passos).

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes-Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. **O contexto da obra literária**: enunciação, escritor, sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

MARCUSCHI, Luiz. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Língua, lingüística e literatura**, João Pessoa, v.1, n.1, p.9-40, 2003.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, Antônio C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.

MELO, Cristina T. V. de. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.135-143.

PAIVA, Vera L. M. de Oliveira e. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.68-90.

ZAVAM, Aurea S. Fanzine: a plurivalência paratópica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v.6, n.1, p.9-28, jan./abr. 2006.

Referência:

ZAVAM, Aurea S. E-zine: uma instância da voz dos e-xcluídos. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). **Internet & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, v. 1, p. 93-112.